ISSN Impresso: 1807-5096
ISSN Online: 2357-9420

FREUD E FRANKL: O SER HUMANO ENTRE O PRINCÍPIO DO PRAZER E A VONTADE DE SENTIDO

FREUD AND FRANKL: THE HUMAN BEING BETWEEN THE PRINCIPLE OF PLEASURE AND THE WILL OF MEANING

Francisco Antonio Francileudo[1]

Lisieux D'Jesus Luzia de Araújo Rocha[2]

José Carlos Miranda Moura[3]

RESUMO

Este estudo apresenta duas formas distintas de compreender o ser humano extremamente significativas e influenciadoras no modo de concebê-lo na contemporaneidade. Em um parâmetro, temos a força motriz libidinal do ser humano segundo a psicanálise de Freud e de outro a vontade de sentido na óptica da análise existencial e logoterapia de Frankl. Esse estudo qualitativo com enfoque interpretativo tem por objetivo demonstrar, por meio da crítica de Frankl à concepção de ser humano de Freud, que o ser humano não se reduz a processos físicos ou psicológicos; já que no seu interior há uma potência de ser, um ser integral, que age e tem poder de decidir e de constituir seu mundo dando razões que contenham sentido. De modo que, no tocante às estruturas psíquicas como parte da estrutura subjetiva, grande é a

[1] Doutor em Psicologia (2013) e Mestre em Psicologia (2009) pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Pós-doutorado (2016-2017) realizado na Universidad Kennedy com projeto de pesquisa sobre A Função do Educador de Jovens na Hipermodernidade à luz da Antropologia de Viktor E. Frankl. Professor da graduação e Pós-graduação da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Membro dos Grupos de Pesquisa Sofrimento psíquico: sujeito, sociedade e cultura, do Grupo de Pesquisa OTIUM/Estudos Multidisciplinares sobre Ócio e Tempo Livre e do Laboratório OTIUM (Laboratório de Estudos sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre) vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR (Universidade de Fortaleza-CE/Brasil). Membro da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia). Atua nas áreas de Psicologia e Fenomenologia, Subjetividades, Logoterapia e Análise Existencial, Antropologia Filosófica e Ética. Diretor Geral da Faculdade Católica de Fortaleza. Reitor do Seminário São José - Teologia da Arquidiocese de Fortaleza. E-mail: fafleudo@gmail.com.

[2] Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) (2013-2017). Mestrado e Graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Professora da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Membro do Laboratório OTIUM, do Grupo de Pesquisa OTIUM/Estudos Multidisciplinares sobre Ócio e Tempo Livre e da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia). E-mail: rochalisieux@gmail.com.

[3] Pós-graduação em Logoterapia e Análise Existencial. Bacharel em Filosofia e Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). E-mail: josecarlos.deusemais@outlook.com.

descoberta de Freud do *inconsciente* como um espaço não físico no qual se armazenam conteúdos psíquicos. Contudo, acredita Frankl que o inconsciente pode delinear, moldar, mas não determinar a subjetividade. A liberdade do ser humano faz com que ele tenha a capacidade de posicionar-se diante das situações, não se reduzindo a nenhuma categoria psíquica, conforme explicita Frankl na ontologia dimensional, compreendendo o homem aberto, imbuído da dimensão espiritual a qual não pode ser negada, levando o sujeito a autodeterminar-se.

Palavras-chave: Frankl. Freud. Princípio do Prazer. Vontade de Sentido. Valores.

ABSTRACT

This study presents two distinct ways of understanding the human being, which are extremely significant and influencing the way they are conceived in contemporary times. In one parameter, we have the libidinal driving force of the human being according to Freud's psychoanalysis, and in the other, the will for meaning in the perspective of Frankl's existential analysis and logotherapy. This qualitative study with an interpretive approach aims to demonstrate, through Frankl's criticism of Freud's conception of the human being, that the human being is not reduced to physical or psychological processes; since in its interior there is a power of being, an integral being, which acts and has the power to decide and to constitute its world, giving reasons that contain meaning. So, regarding psychic structures as part of the subjective structure, Freud's discovery of the unconscious as a non-physical space in which psychic contents are stored is great. However, Frankl believes that the unconscious can delineate, shape, but not determine subjectivity. The freedom of the human being gives him the ability to take a stand in situations, not reducing himself to any psychic category, as Frankl explains in the dimensional ontology, comprising the open man, imbued with the spiritual dimension which cannot be denied, leading the subject to self-determination.

Keywords: Frankl. Freud. Principle of Pleasure. Will of Sense. Values.

Introdução

Os séculos XIX e XX foram de grande produção epistemológica no tocante à antropologia. Autores como: Nietzsche, Freud, Marx, Schopenhauer, Feuerbach, Marcel, Buber, Mounier, Heidegger, Husserl, Sartre e Frankl estão entre os mais conhecidos e estudados tanto pela reflexão antropológica quanto pela herança filosófica impulsionadora que toca o ser humano hodierno. Dentre estes, uns acreditavam ser inovadores fazendo rupturas com pensamentos tradicionais, outros preferiram aprofundar-se naquilo que já sabem a fim de não perder a essência do ser

humano. Pode-se dizer que uns refletem de maneira pessimista a realidade e outros de maneira mais otimista. Humanistas, existencialistas, fenomenólogos, personalistas... rumo ao aprofundamento do que é ser humano, ser existente.

É notória que a limitação da grande parte desses autores não é a delimitação do objeto de estudo e sim o determinismo posterior aos dados da pesquisa, fazendo com que o objeto estudado não mais transcenda além do dado observado, imprimindo uma identidade universal e desconsiderando outra tese qualquer que seja.

Este estudo qualitativo com enfoque interpretativo tem por objetivo demonstrar, por meio da crítica de Frankl à concepção de ser humano de Freud, que o ser humano não se reduz a processos físicos ou psicológicos, que no seu interior há uma potência de ser, um ser integral, que age e tem poder de decidir e de constituir seu mundo dando razões que contenham sentido.

Conforme Viktor Frankl (1905-1997), fundador da logoterapia, o ser humano é movido por uma vontade de sentido ontológica. Acredita também que a pessoa é capaz de ser resiliente, de autotranscender e se autodeterminar diante de qualquer situação, mesmo nas mais dolorosas, em busca da razão de sua existência, que não está no simples fato da posse do objetivo almejado, mas no glorioso ato de buscá-lo, oferecendo o seu melhor. Mas o que acontece é que o próprio ser humano cansa de ser reduzido a determinados aspectos de suas estruturas seja física, seja psíquica. Estas pessoas sabem que são limitadas, contudo, reconhecem uma potência interior que transcende às pulsões libidinais ou qualquer determinismo psíquico.

Este estudo aponta duas visões antagônicas, extremamente significativas e influenciadoras do nosso tempo; a força motriz libidinal do ser humano segundo a psicanálise e a vontade de sentido na óptica da análise existencial e logoterapia, no rumo dos limites que a segunda aponta ao reducionismo da primeira, com a dimensão espiritual e a vontade de sentido defendidas por Frankl.

1 A concepção freudiana de homem

Sigmund Freud (1856-1939), ao descrever o ser humano, transita de estruturas marginais, como a consciência à estruturas obscuras e, consequentemente, desconhecidas como o inconsciente, o grande “mundo” do homem. A personalidade tem o seu início na infância e continua sua influência na fase adulta. A característica

presente já desde a infância é de um ser que quer satisfazer suas pulsões. A atividade dos sentidos possibilita o reconhecimento das realidades internas, pertencentes ao *eu*, bem como as externas fora dele "[...] no início o Eu abarca tudo, depois separa de si o mundo externo" (FREUD, 2011, p. 11).

Freud postulou cinco fases psicossexuais que variam de acordo com a idade e sua zona erógena, a qual corresponde a parte do corpo onde há a identificação do prazer. Nas respectivas fases há também o momento do conflito que é fruto da realidade que vai contra o princípio prazeroso da determinada fase. O autor, ao explicar as fases, descreve o desenvolvimento gradativo da personalidade.

A primeira fase chama-se *oral*, é a fase que se dá aproximadamente de zero a doze meses de idade. "O primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente é, da época do nascimento em diante, a boca" (FREUD, 1978, p. 205). Nesta fase a criança entra em conflito quando é desmamada e a consequência disso é o otimismo ou pessimismo que aparecerá na fase adulta.

A segunda fase é nomeada como fase *anal*, cuja zona erógena é o ânus, fase esta que acontece por volta do primeiro ao terceiro ano de vida. "O desejo de controlar os movimentos esfincterianos na criança que começa a andar entra em conflito com a exigência social de aquisição de hábitos de higiene" (CLONINGER, 1999, p. 58). Por exemplo, o conflito nessa fase se ocasiona devido à educação que a criança recebe na qual é obrigada a adquirir determinados hábitos, que a leva a externar teimosia por resistir a eles.

A terceira fase acontece em torno dos três aos cinco anos, denominada "[...] como fálica, que é, por assim dizer, uma precursora da forma final assumida pela vida sexual e já se assemelha muito a ela" (FREUD, 1978, p. 205). Aqui já surgem as fantasias sexuais com o conflito da masturbação e o medo da castração. Nesta fase o complexo de Édipo está relativamente superado, o que faz com que os meninos desloquem o sentimento de aversão ao pai por um sentimento de se assemelhar a ele.

As meninas desenvolvem-se de outra forma, embora também tenham as fantasias, "[...] vem a reconhecer sua falta de pênis, ou antes, a inferioridade do seu clitóris [...]" (FREUD, 1978, p. 205). Acham-se inferiores por não terem um pênis e almejam tê-lo. "Diferentemente dos meninos, as meninas precisam deslocar seu vínculo erótico com a mãe (o primeiro objeto pré-edípico de amor para ambos os

sexos) para o pai" (CLONINGER, 1999, p. 59). Isso ocorre pelo fato de que a menina sente repulsa da mãe por não tê-la protegido da castração e o pai aparenta ser forte.

Freud acreditava que a personalidade do homem está formada em torno do final da terceira fase. O que não deve acontecer é a fixação em uma dessas fases, pois, caso isso ocorra pode desencadear uma patologia. O indivíduo deve progredir segundo os padrões citados, caso contrário quanto menor for o desenvolvimento maior será o distúrbio ocasionado pela ausência dele e, assim, seu ego não será sadio o suficiente para combater a angústia e adaptar-se ao meio.

> O desenvolvimento da personalidade ocorre quando o ego encontra novas estratégias para lidar com as frustações impostas pela socialização. Se esta for severa ou rápida demais, o jovem ego não consegue dar conta das exigências, e o desenvolvimento da personalidade fica prejudicado (CLONINGER, 1999, p. 57).

A quarta fase é um tempo em que as energias sexuais abrandam até chegar à puberdade. "[...] Esses fenômenos que surgem na tenra idade fazem parte de um curso ornado de desenvolvimento, que atravessam um processo regular de aumento, chegando a um clímax por volta do final do quinto ano de idade, após o qual segue-se uma acalmia" (FREUD, 1978, p. 204). É a fase que Freud chamou de *latência*, ou seja, aquilo que está em preparação.

A quinta fase é a *genital,* a qual se inicia aproximadamente na puberdade e vai até a fase adulta. "O **caráter genital** é o ideal freudiano do desenvolvimento pleno, que se desenvolve na ausência de fixações ou depois de sua resolução por meio de uma psicanálise" (CLONINGER, 1999, p. 63). O adulto está longe das suas fantasias e pode ter uma vivência sexual com a pessoa do sexo oposto. Os conflitos não são tão significativos nesta fase, pois a maturidade já se faz presente.

Foi-nos possível entender que é através dos órgãos de sentido que a criança percebe que há um mundo fenomênico à sua volta, que a existência não se dá somente na sua experiência sensorial e cognitiva interior, mas no mundo como instância externa, como mendo em comum entre os homens. Ela cresce e nesse momento esse mundo se apresenta a ela, que nasce num determinado contexto, com uma identidade, com uma série de outras pessoas com as quais deve conviver. Insere-se, então, na vivência cotidiana a busca pela felicidade que é aquilo que "[...] vem da satisfação repentina das necessidades altamente represadas [...]" (FREUD, 1996, p.

20). Freud, nessa perspectiva, aponta os três pontos que dificultam a felicidade do homem:

> O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos (FREUD, 1996, p. 20).

A questão se torna complexa devido às regras morais inseridas na cultura, pois não deveria haver repressão da parte da sociedade no que concerne às pulsões, isso barra a liberdade do homem. Freud, ainda, diz que isso é um peso que o ser humano tem que carregar, pois foi imposto a ele. Gera um desconforto porque é natural que o homem queira aliviar toda a sua tensão; contudo, a forma arcaica da civilização o leva a seguir um único caminho.

É perceptível que o indivíduo se sente desconfortável diante desse antagonismo entre o que ele sente e o que é permitido a ele executar dentro das relações sociais. Há, portanto, um elemento que une todo o corpo social, essas relações entre os indivíduos estão marcadas de um interesse subjacente o qual Freud chamou de “libido inibida na meta” (FREUD, 1996, p. 54). A libido inibida na meta é uma força sexual escondida nas relações de amizade. Como se todos os gestos amigáveis tivessem por trás um desejo libidinal, contudo ele se mantém oculto nas relações cotidianas.

Uma vez que o homem está cercado por essas questões que o fazem abandonar sua real felicidade que, como diz Freud, é o alívio das pulsões, ele se arma de um mecanismo de defesa, a “*sublimação”* (FREUD, 1996, p. 42), que o faz viver como manda as regras sociais, desviando assim o foco da satisfação em outras atividades, já que é imposto à renúncia do prazer pela civilização. “A sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas [...] tenham papel significativo na vida da civilização” (FREUD, 1996, p. 42). A sublimação ajuda no uso da energia libidinal em outras atividades nas quais os indivíduos possam também se comprazer já que não podem ir exatamente onde querem.

Destarte, o homem, mesmo civilizado, se coloca contra a civilização pelo simples fato de que ele não é visto em sua singularidade e percebe que “[...] a

civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção" (FREUD, 1996, p. 16). Ora, a civilização surge para frear os impulsos libidinais, "[...] acima de sua condição animal" (FREUD, 1996, p. 15). Mesmo com toda essa pressão, foi aprendido pelo homem a maneira de se comportar como manda a civilização, mesmo, claro, tendo alguns deslizes da parte dos civilizados. Há, portanto, uma hegemonia da civilização em relação ao indivíduo, pelo fato de que ela educa o homem, tornando, dessa maneira, a convivência mais suportável. Assim, no que diz respeito a finalidade da vida, nos explicou o autor, que é:

> [...] simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. Este princípio domina o desempenho do aparelho psíquico desde o começo; não há dúvidas quanto à sua adequação, mas seu programa está em desacordo com o mundo inteiro, tanto o macrocosmo como o microcosmo (FREUD, 1996, p. 20).

E é assim que o homem é impelido: pelas forças das pulsões, forças biológicas inatas. Entretanto, essa não é a única energia psíquica que envolve as relações sociais, já que há outro tipo, totalmente diferente, que também ocupa a interioridade do indivíduo. Este princípio está em contraste com o princípio do prazer: enquanto o Eros busca a satisfação através do prazer, o Tânatos é o instinto mais mortal, no qual Freud via a "[...] origem de todos os tipos de agressividade, inclusive a guerra e o suicídio" (CLONINGER, 1999, p. 47). Essa conclusão foi ratificada por Freud ao ver suas teorias sendo confirmadas na Primeira Guerra Mundial com o grande número de mortes, com a satisfação de muitos em matar uns aos outros. É também uma espécie de prazer, mas que se deleita em destruir.

> Nas funções biológicas, os dois instintos básicos operam um contra o outro ou combinam-se mutuamente. Assim o ato de comer é uma destruição do objeto com o objetivo final de incorporá-la, e o ato sexual é um ato de agressão com o intuito de a mais íntima união. Esta ação concorrente e mutuamente oposta dos dois instintos fundamentais dá origem a toda a variedade dos fenômenos da vida (FREUD, 1978, p. 202).

"A substituição da noção descritiva de inconsciente pelo conceito de inconsciente sistemático é um dos momentos fundamentais da construção teórica de Freud" (GARZIA-ROZA, 2009, p. 80). Em sua época, Freud combateu uma questão muito comum, pois era unânime a concepção de que a nossa mente só guardava

aquilo que lembrávamos e o que não lembrávamos mais, não era importante, por isso não influenciava a nossa a vida, já havia simplesmente se esvaído. O autor percebeu que a nossa mente não funcionava daquela forma e aquilo que recordávamos com mais facilidade era apenas o começo de um grande "mundo" a ser desvelado. A constituição teórica sobre a consciência na psicanálise teve seu grande passo dado da seguinte forma:

> Freud postulou três níveis de consciência e comparou a mente a um iceberg flutuando na água. Como um iceberg, apenas uma pequena parte da mente é visível: a mente **consciente.** Sob a superfície da água está a mente **pré-consciente.** Como num iceberg, grandes perigos se escondem na parte não-visível. Por fim há uma grande massa, equivalente à maior parte da mente, que está oculta, como o bloco do iceberg submerso na água: a mente **inconsciente** (CLONINGER, 1999, p. 40).

O primeiro nível[4], a consciência, é aquele que é capaz de perceber todas as coisas de imediato. É o presente, o notório. É a consciência que faz com que escolhamos as coisas que devemos, pois a consciência mostra aquilo que é coeso, que é permitido mediante o mundo que nos cerca e que aponta os objetivos mais claramente.

> O nível consciente refere-se às experiências que a pessoa percebe, incluindo lembranças e ações intencionais. A consciência funciona de modo realista, de acordo com a regra do tempo e do espaço. Perceberemos a consciência e a aceitamos como nossa; identificamo-nos com ela (CLONINGER, 1999, p. 40).

Paralelo a este mundo que percebemos de imediato, a consciência, existe outro nível bem próximo a ele na questão dos conteúdos, o pré-consciente, no qual estão guardadas as situações vividas ou presenciadas, nomes de amigos mais distantes, o número do celular de alguém e etc. Esses conteúdos do pré-consciente são aqueles que, embora não sejam percebidos imediatamente, não são completamente inconscientes. Após uma reflexão breve ou longa, na tentativa de lembrar, ele retorna à consciência, como uma gaveta cheia de documentos que se pode consultar quando se precisar de seus dados. As informações do consciente e do pré-consciente estão bem próximas.

[4] Quando cito o termo "nível" baseio-me no que diz no livro de Cloninger (1999), pois veremos adiante que as estruturas psíquicas que tem sintaxe diferente são duas: o Pcs/Cs e o Ics.

> Parte do material que não está consciente num determinado momento pode ser facilmente trazida para a consciência; esse material é chamado *pré-consciente.* Inclui conteúdo em que não está se pensando, mas que podem ser facilmente recordadas em caso de necessidade, como, por exemplo, o segundo nome de sua mãe. O conteúdo do pré-consciente não difere fundamentalmente do da consciência. Os pensamentos transitam rapidamente entre os dois níveis (CLONINGER, 1999, p. 40-41).

Antes de Freud, o termo "inconsciente" já existia, entretanto, sua concepção não é a mesma, pois antes se tratava de uma expressão "[...] puramente adjetiva para designar aquilo que não era consciente, mas jamais para designar um sistema psíquico distinto dos demais e dotado de atividade própria" (GARZIA-ROZA, 2009, p. 168). Freud detectou algumas lacunas no comportamento e estas apontavam para conteúdos que, na consciência, não havia explicação. São os famosos lapsos ou atos falhos que fizeram que o autor refletisse sobre outro sistema psíquico, o inconsciente.

> Os fenômenos normais que mais chamaram a atenção de Freud foram as parapraxis, os chistes e os sonhos, por que mais do que quaisquer outros funcionavam como indícios seguros do determinismo psíquico e dos motivos inconscientes (GARZIA-ROZA, 2009, p. 172).

"Chegamos finalmente àquele que é apontado como conceito fundamental da psicanálise" (GARZIA-ROZA, 2009, p. 168). No inconsciente, estão armazenados os conteúdos que causaram dor ao indivíduo, as experiências traumáticas. "O *inconsciente* refere-se a processos mentais de que a pessoa não está cônscia" (CLONINGER, 1999, p. 41). Fazer com que esse conteúdo seja lembrado, ou seja, que ele volte à consciência traria angústia ao indivíduo e por isso eles permanecem reprimidos no inconsciente.

Ora, uma vez que esses conteúdos, contém informação sobre o indivíduo, e o seu acesso sendo dificultado há "algumas estradas" para ir à eles. Há brechas no comportamento consciente que possibilitam vias, tais como: "[...] o lapso, o ato falho, o chiste e os sintomas" (GARZIA-ROZA, 2009, p. 171). Freud também aponta que o principal caminho para se chegar a esse conteúdo é o sonho. Quando estamos acordados, a consciência impede que o inconsciente se manifeste. Quando dormimos são relaxadas as "portas do consciente" e se abrem ao acesso do inconsciente expondo aqueles conteúdos reprimidos de forma branda, disfarçada através de simbolismos, pois, se fossem expostos os conteúdos tais e quais eram no inconsciente traria angústia ao indivíduo, pois tratam-se de experiências dolorosas.

> Freud exaltava os sonhos como a "estrada real para o inconsciente". Durante a vigília, as forças da consciência refreiam poderosamente as forças inaceitáveis do inconsciente. Durante o sono, as forças refreadoras da consciência relaxam e o inconsciente procura emergir na consciência provocando angústia, que ameaça despertar quem está sonhando. O sono é protegido pelo sonho, que disfarça o inconsciente sob formas simbólicas menos ameaçadoras (CLONINGER, 1999, p. 43).

Existe, portanto, entre os níveis da consciência, essa contraposição entre o inconsciente e o consciente/pré-consciente, como sistemas psíquicos diferentes. "A sintaxe do inconsciente não é a mesma do sistema pré-consciente/consciente, mas isso não significa que ele não possua sintaxe nenhuma" (GARZIA-ROZA, 2009, p. 171). A diferença é notória, pois, enquanto pré-consciente/consciente entram em contato com o mundo no presente o inconsciente tem sua própria dinâmica, atemporal e caótica.

> Freud não nos fala de uma consciência que não se mostra, mas de outra coisa inteiramente distinta. Fala-nos de um sistema psíquico Ics – que se contrapõe a outro sistema psíquico – Pcs/cs – que é em parte inconsciente (adjetivalmente), mas que não é *o* inconsciente (GARZIA-ROZA, 2009, p. 170).

Os dois sistemas têm seu modo próprio de operar e Freud os denominou de processo primário e processo secundário. O primeiro é o modo de funcionamento do Inconsciente e o segundo é do Pré-conscientes/Consciente, este é a maneira em que a energia psíquica tem de se escoar, sendo que no primário: "[...] a energia psíquica tende a se escoar livremente, passando de uma representação para outra e procurando a descarga da maneira mais rápida" (GARZIA-ROZA, 2009, p. 182). Ou seja, busca um prazer por um caminho direto. O processo secundário funciona inversamente, sendo o processo mais vagaroso e controlado.

> O termo "conteúdo do inconsciente" não designa uma relação de conteúdo a continente análogo a quando dizemos que o copo contém água. Dizer que uma representação é inconsciente ou que está no inconsciente não significa outra coisa senão que ela está submetida a uma sintaxe diferente daquela que caracteriza a consciência (GARZIA-ROZA, 2009, p. 174).

Convém ressaltar que o que leva as experiências dolorosas ao inconsciente é a repressão. "Obtemos assim o nosso conceito de inconsciente a partir da teoria da repressão. O reprimido é, para nós, o protótipo do inconsciente" (FREUD, 1976, p.

27). O homem é um ser movido pelo princípio do prazer e toda espécie de sentimento que vá contra este princípio é exaurido da consciência e transmitido para o inconsciente a fim de evitar o desprazer, reprimindo-o.

> O que ocorre, portanto, no processo de recalcamento, é que uma determinada representação ligada à pulsão e oriunda do sistema Ics procura sua expressão consciente. Ao tentar penetrar no sistema Pcs/Cs, a representação em questão tem seu ingresso recusado ou, se já ingressou no sistema Pcs/Cs, é mandado de volta para o inconsciente (GARZIA-ROZA, 2009, p. 180).

Há outro modo, também explicativo, para ratificar essa questão entre o consciente e o inconsciente, são as estruturas: id, ego e superego. Foram elaborados por Freud como estruturas da personalidade e explicam de forma mais prática como ocorre a tensão entre o consciente e o inconsciente.

O id é puramente inato e também inconsciente. Sua energia psíquica é a libido, ou seja, é motivado pelo prazer sexual. O homem quando é educado é capaz de desenvolver uma transformação do princípio do prazer em outras atividades. Do id é que também derivam os impulsos biológicos.

> O id funciona de acordo com o **processo primário,** que é puramente instinto não socializado. O processo primário é tão cego e inflexível quanto os impulsos instintivos que levam a mariposa para uma chama, e suas consequências podem ser igualmente mortais (CLONINGER, 1999, p. 49).

O ego é a parte mais racional do homem, o que regula os instintos e faz com que estes se conciliem entre o id e o superego, que é a próxima parte da estrutura da personalidade. O ego "opera de acordo com o **princípio realidade,** ou seja, pode compreender com precisão a realidade e adaptar-se às exigências do mundo real" (CLONINGER, 1999, p. 50). Destarte, o ego tem essa função, pois, além de ser capaz de processos secundários, o que significa que pode fazer coisas no tempo em que achar conveniente bem como idealizar o futuro, é também o responsável pelo controle da angústia.

> Formamos a ideia de que em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu ego. É a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla as abordagens à motilidade – isto é, à descarga de excitações para o mundo externo (FREUD, 1976, p. 28-29).

Tudo o que é imposto ao ser humano alimenta o superego. É essa instância que é formada pelas delimitações do meio em que vive o homem e uma vez que o indivíduo não segue as normas, seja por qualquer motivo, gera nele uma angústia, por não ter conseguido. O superego tem, sobretudo, a principal função de frear o complexo de Édipo. Graças às questões adquiridas na infância o superego vai se estabelecendo e ajudando a construir a personalidade graças a essa mesma vivência. A principal referência é a relação paterna, como é notado no complexo.

> O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com ego não se exaure com o preceito: 'Você *deveria ser* assim (como seu pai)'. Ela também compreende a proibição: 'Você *não pode ser* assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele,' Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse movimento revolucionário que ele deve a sua existência (FREUD, 1976, p. 49).

Convém ressaltar que as estruturas da personalidade não são algo que identificamos cada separadamente, mas estão dinamicamente em cada indivíduo mesmo que "[...] nem sempre coexistam pacificamente" (CLONINGER, 1999, p. 50). Essa dinâmica entre as três estruturas é que vai gerar o **conflito intrapsíquico**, ou seja, o ego tentando mediar os desejos inaceitáveis que o id impõe e o superego gera o sentimento de culpa quando há fracasso da parte do ego. A resolução dos conflitos intrapsíquicos é mediada pelo ego através dos mecanismos de defesa.

2 Limites que Frankl encontra na teoria de Freud

Viktor Frankl, a princípio, era discípulo de Freud, no entanto, formulou divergências quanto à sua concepção de ser humano. Nessa perspectiva, Frankl mostra que as teorias psicológicas anteriores a ele reduziam o homem a um determinado aspecto de sua existência, desprezando, dessa forma, outros de igual ou superior importância, tais como: o sentido da vida, os valores, a dimensão espiritual, dentre outros. Sobre algumas diferenças entre a psicanálise a logoterapia, explica Frankl:

> A logoterapia considera sua tarefa ajudar o paciente a encontrar sentido em sua vida. Na medida em que a logoterapia o conscientize do logos oculto de sua existência, trata-se de um processo. Até esse ponto a logoterapia se assemelha à psicanálise. Entretanto, quando a logoterapia procura tornar algo novamente consciente, ela não restringe sua atividade a fatos instintivos dentro do inconsciente do indivíduo, mas se preocupa também com realidades existenciais tais como o sentido em potencial de sua existência a ser realizado, bem como a sua vontade de sentido (FRANKL, 1991, p. 95).

Frankl recebeu muitas influências da filosofia, as quais se determinaram a estudar o ser humano. “Por esse motivo, ao longo das suas reflexões, Frankl sustentará que não há psicoterapia sem filosofia do homem, e que na base de toda e qualquer concepção psicológica encontraremos uma concepção antropológica” (PETER, 1999, p. 8).

Freud não se interessou tanto em bases filosóficas para a psicanálise, ele queria manter-se distante de qualquer influência. “Mesmo assim a psicanálise não conseguiu se livrar da filosofia. Até quando Freud era cientista, não fez outra coisa, como observa Ludwig Marcuse, a não ser falar de Eros e da Luta eterna entre Eros e Tanatos” (PETER, 1999, p. 8). Mesmo Freud, então, que queria um rigor científico para a psicanálise, não fugiu de questões filosóficas.

> A filosofia é a base inevitável de todo pensamento: todo ponto de vista psicológico inclui uma filosofia do homem, e os erros, quando acontecem, se referem, em última análise, à implementação filosófica. O método e as técnicas terapêuticas também se defrontam necessariamente com os problemas mentais do homem, inclusive com o problema do significado da vida, questão ao mesmo tempo filosófica e psicológica (PETER, 1999, p. 10).

A análise existencial ou logoterapia, por ser de cunho fenomenológico, caminha ao lado da filosofia e resgata concepções de grandes reflexões filosóficas como espírito, sofrimento, sentido... este seria o primeiro diferencial existente entre ela e a psicanálise.

Ratificamos que a teoria antropológica freudiana define que o ser humano é envolto por um determinismo psíquico, uma força inconsciente com uma sintaxe diferente da consciente, a qual reduz o homem a processos relacionados à pulsão sexual. “Para esse autor, pensar na vida como se ela tivesse um propósito parece presunção humana [...]” (AQUINO, 2013, p. 105). Frankl, por sua vez, não negou a importância que a psicanálise tem na psicologia nem mesmo a sua veracidade, no

entanto, prescinde de uma imagem antropológica mais integrada e não reduzida a este aspecto nem a qualquer outro.

> Frankl (1990b) parte da seguinte analogia: uma cidade é composta por uma infraestrutura que contém tubulações de água, gás, e cabos elétricos que alimentam a vida cultural, representada por universidades, igrejas, templos e museus. Da mesma maneira que a vida cultural de uma cidade não pode ser reduzida à sua infraestrutura, aspiração por valores não pode ser reduzida ao caráter psíquico instintivo (AQUINO, 2013, p. 43).

O fato de reduzir o homem a qualquer aspecto que seja o deixa numa situação periclitante, pois, inflige uma fixação: de ser só "aquilo" e conformar-se, não transcendendo. Remonta a uma existência limitada e, por assim dizer, sem significado ontológico. "Freud reduz então a questão do propósito da vida ao princípio do prazer, pois observa que as pessoas se aproximam das experiências agradáveis e se distanciam da dor e do sofrimento" (AQUINO, 2013, p. 105). Freud afirma no início da obra *Além do princípio do prazer* que:

> Não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio do prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer (FREUD, 1996, p. 17).

Podemos indicar com isso que esta é a imagem do reducionismo em Freud; limitar o ser humano a esses processos psíquicos deterministas e descartar as possibilidades de o mesmo ir além. Ele ainda intensifica que: "[...] as impressões subjacentes à hipótese do princípio do prazer são tão evidentes, que dificilmente podem ser desprezadas" (FREUD, 1999, p. 17). Ou seja, a regra geral é que todos os indivíduos são assim e um caso isolado seria a anormalidade. Na psicanálise, portanto, o ser humano é reprimido pelas leis éticas e morais as quais impedem a fruição da libido. Freud defendeu que este problema estaria resolvido caso houvesse um novo modo, tanto no comportamento do ser humano diante de suas pulsões como no modo dos homens entre si.

> A interpretação psicanalítica do ser-homem prende-se, por sua vez, unicamente à descrição e à interpretação do psicofísico, baseada em conceitos fisiológico-mecanicistas e numa visão antropocêntrica do homem, que não ultrapassa o imanente (XAUSA, 1988, p. 58).

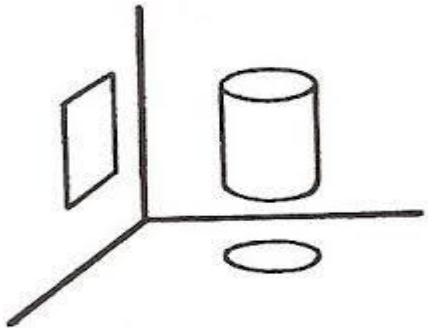
Frankl, por sua vez, acredita que o ser humano possa ser integrado e livre em seu posicionamento decisório, desaprovando uma visão pandeterminista. Ele aposta nas potencialidades do ser humano e não compartilha, de nenhuma forma, que o ser humano não possua liberdade para decidir o que fazer diante das diversas situações as quais pode vir a experimentar. “Assim, para fugir do reducionismo, Frankl vai recorrer ao conceito grego *nous* e integrar o ser humano numa unidade biopsiconoética” (AQUINO, 2013, p. 43).

A *ontologia dimensional* compreende o ser humano em suas três dimensões. É nessa unidade biopsiconoética, composta por corpo, psiquê e espírito, que a logoterapia compreende o ser humano e assim é mostrada, também, a incoerência do reducionismo. Nas duas leis que compõe a *ontologia dimensional*, “Frankl critica as formas reducionistas de compreender o homem por meio das dimensões biológicas ou psíquicas [...]” (AQUINO; DAMÁSIO; SILVA, 2010, p. 21).

> Recordo-me agora de um episódio que me aconteceu quando eu tinha treze anos. Um dia meu professor de ciências passeava entre os bancos da classe e ensinava aos alunos que, no fundo no fundo, a vida era senão um processo de combustão, um processo de oxidação. Eu levantei-me e sem pedir permissão, como era ainda de costume, lancei-lhe a pergunta: “que sentido então tem a vida?” Naturalmente, ele não podia responder-me por que era um reducionista (FRANKL, 2005, p. 31).

Ao contrário de Freud, Frankl atribui importância à dimensão espiritual e identifica nela a essência do ser humano, entretanto, não reduz o “ser homem” a ela. E assim não é o ego que regula o comportamento, mas “[...] a dimensão noética seria o núcleo integrador do ser humano” (AQUINO, 2013, p. 45).

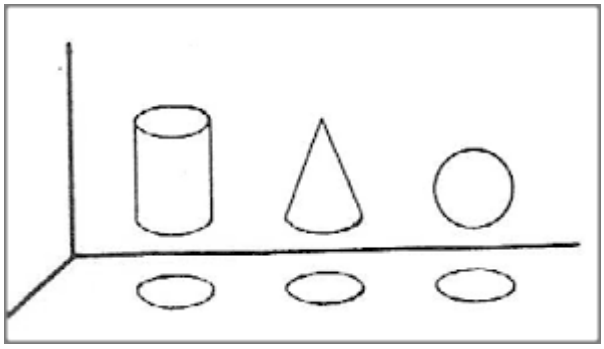
Figura (A)



Fonte: Frankl (2011, p. 34).

É explicitada através da figura “A” a primeira lei da ontologia dimensional contra o reducionismo, que diz: “se um objeto for projetado em suas dimensões inferiores, resulta em figuras contraditórias entre si” (AQUINO, 2013, p. 45). Este cilindro visto sob um único ângulo reflete o que não é ele em sua totalidade. Dessa forma, o ser humano, quando visto apenas como um ser movido somente pelas pulsões, não é identificado com a sua própria natureza.

Figura (B)



Fonte: Frankl (2011, p. 35).

A segunda lei defende que: “quando vários objetos como cilindro, cone e esfera, são projetados num plano unidimensional, produzem figuras ambíguas e contraditórias, pois esses objetos tridimensionais não podem ser reduzidos a um círculo” (AQUINO, 2013, p. 47). Destarte, é mostrado que a realidade humana não pode ser baseada e nem definida em uma única dimensão projetada do ser humano para fora dele. Todos os aspectos biopsiconoéticos devem ser considerados, mas a totalidade humana não deve ser ancorada em uma única dimensão. No quadro 1, é explicitado que a força motriz na logoterapia é psiconoética.

Quadro 1

2ª dimensão do homem “PSIQUE”	**3ª dimensão do homem “ESPÍRITO”**	**Redução errônea da 3ª dimensão à 2ª conduz ao:**
Destino	**Liberdade**	**Pandeterminismo**

Susceptibilidade	**Integridade**	**Psicologismo**
Orientação ao prazer	**Orientação ao sentido**	**Reducionismo**
Caráter	**Personalismo**	**Coletivismo**

Fonte: Lukas (1989, p. 34).

É sabido que, em Freud, o que move o homem rumo à felicidade é o princípio do prazer. É através do alívio de suas tensões que o homem se sentirá mais feliz. Ou seja, a força motriz funciona psicodinamicamente, como mostra o quadro acima. Então, esse prazer não tem um significado em si mesmo. Ele é, ao mesmo tempo, meio e fim das atitudes humanas. “Os outros métodos nos quais evitar o desprazer e a intenção predominante se diferenciam conforme a fonte de desprazer a que mais dirigem a atenção” (FREUD, 1996, p. 21). Assim explica Freud:

> Afirmamos que a descoberta de que o amor sexual (genital) proporciona ao indivíduo as mais fortes vivências de satisfação, dá-lhe realmente o protótipo de toda felicidade, deve tê-lo feito continuar a buscar as satisfação vital no terreno das relações sexuais, colocando o erotismo genital no centro da vida (FREUD, 1996, p. 46).

Existe, contudo, segundo Frankl, algo além do princípio do prazer que inquieta mais o homem, o vácuo de sua própria existência. “O vazio existencial é um fenômeno muito difundido no século XX” (FRANKL, 1991, p. 96). Isto preocupou Frankl, pois, uma vez que a existência carecia de significado, este seria procurado podendo sua busca ser em lugares errados. Mesmo depois de a psicanálise ser difundida, esse vazio continuou sendo identificado em muitas pesquisas e em atendimentos contra o suicídio que Frankl e sua equipe fizeram junto aos jovens vienenses.

Nessa perspectiva, Frankl mostra que há um desejo subjacente a qualquer outro, o de encontrar sentido nas realizações humanas, de preencher sua existência de significados frutíferos. “Atualmente, até mesmo os psicanalistas freudianos admitem, que mais e mais pacientes vêm sofrendo de uma insatisfação interior de uma falta de propósito na vida” (FRANKL, 2011, p. 106).

> Um dos princípios fundamentais da logoterapia está em que a principal preocupação da pessoa humana não consiste em obter prazer ou evitar a dor, mas antes em ver um sentido em sua vida. Esta é a razão por que o ser humano está pronto até a sofrer, sob a condição, é claro, de que o seu sofrimento tenha um sentido (FRANKL, 1991, p. 101).

Os animais irracionais são condicionados pelos seus instintos. Eles vivem, simplesmente! O homem não, "[...] a procura existencial de um sentido da vida são coisas que hoje obsessionam os indivíduos mais que seus problemas sexuais" (FRANKL, 2005, p. 17-18). O ser humano deseja desvelar o sentido de sua existência. Em tese, não são as pulsões que movem o homem, mas sua vontade de sentido. "A verdade é que, a *luta pela sobrevivência* não se acaba e ponto. De repente brota a pergunta: 'sobreviver? Mas para que?'" (FRANKL, 2005, p. 15).

Nesse contexto, insere-se a questão colocada por Frankl que o prazer é algo secundário, pois, uma vez que se tem um motivo para ser feliz, uma meta a alcançar a felicidade vem como consequência. Quando a felicidade é puramente o meio e o fim das atitudes humanas ela fica comprometida. "O prazer é e deve permanecer efeito colateral ou produto secundário; ele será anulado e comprometido na medida em que dele se fizer um objetivo em si mesmo" (FRANKL, 1991, p. 107). Assim, Frankl defende que, caso o prazer seja posto em primazia pode-se desenvolver uma neurose sexual.

Com esta questão, a logoterapia também faz um lembrete ao retorno do sentido que há nas relações sexuais dos seres humanos. Quando o *princípio do prazer* foi introduzido como algo fundamental, os homens caíram no erro de usarem-se uns aos outros. Tal reflexão impulsionou a conclusão de Frankl que diz: "na verdade, o chamado 'princípio do prazer' é um estraga prazeres" (FRANKL, 1991, p. 20). Isso porque determinado princípio levou as pessoas a desejarem se autorrealizarem como se isso fosse algo possível ou mesmo da sua natureza humana, mas não é. "Isto é mais evidente quando se trata da felicidade sexual, da busca do prazer sexual" (FRANKL, 2005, p. 29). A pessoa que vive baseada nisso, vive de forma vazia.

Podemos denotar, portanto, duas propostas da logoterapia: uma para a questão do vazio existencial e a outra para a felicidade. Ambas estão ligadas e apontam para uma vida cheia de significados. Quanto à primeira, Frankl, dentre as várias propostas, aponta o retorno dos valores, pois, os "[...] espectros dos valores irradiam na consciência do ser humano, despertando a vontade de sentido" (AQUINO,

2013, p. 60). Em sua natureza "[...] o homem se orienta rumo aos valores [...] a busca de significados corresponde a busca de valores" (PETER, 1999, p. 21). Isto é, como o tratamento do vazio existencial há também uma reconstrução da vida interior, "[...] tal resultado sugere a ideia que exatamente o desmoronamento das tradições seja o fator mais importante para a explicação do vazio existencial" (FRANKL, 2015, p. 20).

Frankl, em seus escritos, não é a favor da autorrealização e sim da autotranscendência, como indicativo de que a autotranscedência é o caminho mais seguro para obtenção da felicidade verdadeira, pois, nela, a felicidade não parte de um *eu*, mas da realização de um *tu.* "Assim, 'autotranscendência' significa a capacidade do homem de sair de si mesmo e voltar-se para algo ou alguém que está além de si próprio" (AQUINO; DAMÁSIO; SILVA, 2010, p. 34).

Convém ratificar o contraste entre Freud e Frankl: de um lado [...] a psicanálise se detém no "subsolo" do mundo humano, descobre somente impulsividade e energia instintiva" (PETER, 1999, p. 24). O que vai levar ao vazio existencial, pois o pandeterminismo entra como prioridade. Concebe-se um ser humano sem liberdade e autenticidade. Em contrapartida, Frankl mostra a importância do "ser", no sentido de essência, "[...] centraliza-se na própria experiência de si mesmo, como pessoa livre e responsável que transcende o próprio isolamento para se expandir, para oferecer e, sobretudo, para oferecer-se a si mesmo" (PETER, 1999, p. 24).

É por isso que Frankl recorre à antropologia, ele acredita que há fenômenos que são especificamente humanos e é através deles, os quais apontam a natureza do homem, que se encontram as respostas para as crises existenciais. E é por fugir tanto desses fenômenos que teorias sobre o ser humano caem no reducionismo, como é o caso da psicanálise. No espírito humano, explica Frankl, há a potência de um sentido e este se realizará fora, no mundo. É velado no homem e desvelado no mundo, por meio da noção de transcendência.

O determinismo psíquico de Freud, apontado por Frankl, indica que o ser humano está submetido à energias inconscientes, e que, uma vez que a criança não evolua dentro dos padrões ela pode sentir dificuldades na fase subsequente. Freud descobriu que "[...] a vida sexual não começa apenas na puberdade, mas inicia-se, com manifestações claras, logo após o nascimento" (FREUD, 1978, p. 204). O adulto bem resolvido psiquicamente, logo, é aquele que vivenciou bem as fases psicossexuais na sua infância.

> Descobriu-se que, na tenra infância, existem sinais de atividade corporal a que somente um antigo preconceito poderia negar o nome de sexual e que se acha ligada a fenômenos psíquicos com que nos deparamos mais tarde na vida erótica adulta – tais como a fixação em objetos específicos, o ciúme, e assim por diante. Descobriu-se ainda, entretanto, que esses fenômenos que surgem na tenra infância fazem parte do curso ordenado de desenvolvimento, que atravessam um processo regular de aumento, chegando a um clímax por volta do final do quinto ano de idade, após o qual segue-se uma acalmia (FREUD, 1978, p. 204).

Sendo essa uma premissa verdadeira entra em questão a liberdade da pessoa. Ora, se a vida tem um curso, o homem não tem liberdade para mudar de posição ou enfrentar as diversas situações limítrofes da existência. O homem é mecanizado a ser um ser que evolui psicossexualmente e, desde a infância culminando na fase adulta, a ser uma pessoa que procura o prazer e evita o desprazer. Não há nem a liberdade diante das situações adversas nem uma crença na existência de um bem-estar interior fora desses padrões.

Frankl parte desses dois pontos citados acima, a determinação psíquica e a liberdade para mostrar insuficiência da tese de Freud. Ora, primeiramente Frankl defende que o ser humano pode se autodeterminar diante de qualquer situação, até mesmo da morte. Acredita também que a liberdade do homem é também um fenômeno humano, ou seja, faz parte de sua essência. “Tratando-se, porém, de um fenômeno humano, a liberdade é também inteiramente humana” (FRANKL, 2005, p. 42).

Freud afirma numa carta escrita à princesa Marie Bonaparte, que o sentido da vida não existe. Ao nos questionarmos sobre isso o que estamos fazendo é apenas a exposição da consequência de uma libido frustrada. Trata-se de uma doença[5]. É bem notório que Frankl não compartilha dessa concepção, pois, até mesmo, o confrontar-se com a dor é saudável e através dela é passível se encontrar um sentido para a vida. “A preocupação ou mesmo o desespero da pessoa sobre a sua vida vale a pena ser vivida e é uma angústia existencial, mas de forma alguma uma doença mental” (FRANKL, 1991, p. 94). Entretanto, esse desejo pela busca de um sentido para a vida é fruto da liberdade humana bem como de sua autodeterminação diante de qualquer realidade. “Não se pode conceber algo que condicione o ser humano a ponto de deixá-lo sem a menor liberdade” (FRANKL, 1991, p. 113). Frankl comenta:

[5] Cf.: http://litura-terra.blogspot.com.br/2012/04/uma-carta-de-freud-marie-bonaparte.html

> Sigmund Freud disse uma vez: "experimentemos abandonar um certo número de pessoas das mais diversas extrações a uma condição uniforme de fome. Com o crescer do estímulo da fome todas as diferenças individuais serão ofuscadas e em seu lugar aparecerá a expressão uniforme daquele estímulo insatisfeito". Nos campos de concentração, contudo, era verdade o contrário. As pessoas acentuavam suas diferenças individuais [...]. A fome era a mesma, mas as pessoas eram diferentes. Para dizer a verdade, as calorias não contam nada (FRANKL, 2005, p. 42).

Empiricamente, Frankl detectou nos campos de concentração a grande capacidade que os seres humanos tiveram diante das situações e parece-lhe absurdo que o curso de uma vida infantil determine a vida adulta: "a infância, menos ainda que a hereditariedade, não pode determinar de maneira unívoca o curso da vida" (FRANKL, 2005, p. 44).

Frankl também percebeu que esse pandeterminismo psíquico de Freud só se deu em teoria, pois na prática, o próprio Freud mostrou a possibilidade de o homem responder aos estímulos diversos do sistema psíquico primário. Essa possibilidade está no *Ego,* como mediador entre o *id* e o *superego.* Freud mostrou através do *ego*, como esse conciliador, que o homem pode manter uma posição diante das imposições dos outros dois. O *ego* é a prova, digamos assim, dentro da própria teoria de Freud, que o homem pode se autodeterminar. "A liberdade humana implica a capacidade do homem de distanciamento de si próprio" (FRANKL, 2005, p. 43).

Ora, o que dizer, então, sobre a *libido inibida na meta*? Perceber o outro como pessoa humana que tem um valor e uma dignidade é basilar. A pessoa humana consegue doar-se, ser um com os outros, descobre potencialidades e tende a encarar melhor seus limites. Já a desumanização do humano gera essa crise que Frankl chamou de "[...] tríade da neurose de massa: a depressão, a agressão, e a toxicodependência" (FRANKL, 2005, p. 20). Os três pontos da tríade são consequência de uma vida cujo sentido ainda não foi encontrado, e tais pontos estão fortemente presentes nos tempos hodiernos.

Frankl propõe uma maneira para amenizar esse perigo na relação dos seres humanos entre si, sobretudo nos jovens, já que "[...] é sempre nos jovens que se nota um declínio mais pronunciado das tradições [...]" (FRANKL, 2005, p. 20). O retorno dos valores seria a solução viável, pois estes não são criados, eles já existem ontologicamente nos indivíduos. O valorizar o outro e ter empatia para com ele é fazer brotar um valor intrínseco do ser humano. Dotar a vida de sentido é o mesmo que

dotar a vida de valores, eles ampliam o horizonte de sentido do indivíduo que outrora fora reduzido. É claro que essa tomada de atitude pelos valores é buscada, ainda, infelizmente pela minoria. Frankl acredita que o ser humano pode se erguer desse pessimismo no qual foi envolvido e comenta: “Por outro lado, não devemos permitir que nossa fé na potencial humanidade do homem nos induza a esquecer o fato que, na realidade, os homens *humanos* são, e provavelmente sempre serão, uma minoria” (FRANKL, 2005, p. 24).

Diante de qualquer contexto comunitário desagregador, poderia ser empregado um trabalho em grupo, onde todos pudessem autotranscender e assim, com objetivos comuns, pacificar e resolver conflitos interpessoais. Dentre muitos exemplos, Frankl mostra um:

> Em uma experiência bem conhecida, referida por Carolyn Wood Sherif, em um grupo de jovens foram induzidas cargas agressivas de grupo. Apesar delas, quando os jovens eram reunidos para o esforço comum de arrastar uma carreta para fora de um atoleiro, “esqueciam-se” simplesmente de seus conflitos e divisões internas. Sua vontade de sentido havia tomado o primeiro plano! E eu penso que a busca da paz, em vez de limitar-se a um contínuo remanejamento de potenciais agressivos e semelhantes, deveria primeiramente concentrar-se sobre a vontade de sentido e considerar o fato que, aquilo que é verdadeiro para os homens individualmente, vale do mesmo modo para toda a humanidade (FRANKL, 2005, p. 30).

É apenas reumanizando o homem que a humanidade conseguiria se reerguer de um pessimismo trágico e de um reducionismo antropológico. A liberdade e a responsabilidade são fenômenos humanos e assim como outros fenômenos devem ser reconhecidos para uma vida carregada de sentido e consequentemente de valores, culminando na integração do ser humano. Se há um declínio nas tradições, há um declínio nos valores, pois estes são passados pelo próprio homem para as gerações posteriores e se ele, ao olhar ao seu redor, não conseguir perceber sua integralidade cai em qualquer reducionismo. É preciso saber não somente sobre as estruturas biológicas e psíquicas, mas também perceber a existência pelo viés biopsicosocioespiritual.

Considerações Finais

É salutar nos questionarmos o porquê das pessoas agirem como agem, questionar o que questionam, buscarem ser aquilo que acreditam ser ou idealizam ser. É notório que há algo subjacente em qualquer ação ou pensamento humano. Esse movimento entre o ser, na perspectiva do presente, e o desejar ser, na perspectiva futura, manifesta uma grande inquietação no espírito humano; o desejo de uma razão para ser feliz ou de sentir-se completo. Como dizia Aristóteles no início da *Ética a Nicômaco:* todo ser humano deseja a felicidade (ARISTÓTELES, 1984, p. 49).

O início da vida, com o desenvolvimento da personalidade, caracteriza que o ser humano se constrói a partir de um elo familiar, de uma educação, de uma cultura, de um povo. Mas esta construção, como defende Freud, reprime o ser humano. Mas poderíamos também refletir: quem projetou essa construção? Quem a organizou ao ponto de legitimá-la? A resposta é simples, o próprio ser humano. Ele mesmo sentiu a necessidade de controlar suas pulsões.

Os homens que encontraram o sentido da sua vida conseguiram superar qualquer desafio e mesmo aqueles que eram insuperáveis foram cobertos de sentido e de valor, como acredita Frankl. “Na esfera espiritual o homem é aberto para o mundo e orientado para sua plenitude de valor; se for projetado erroneamente ao plano psicológico, ele produz para si apenas um sistema fechado [...]” (LUKAS in PEREIRA, 2013, p. 90). Tal sistema é capaz de produzir homens desintegrados, fechados ou, por algum motivo, descrentes de sua própria natureza ou existência.

No tocante às estruturas psíquicas como parte da estrutura subjetiva, grande é a descoberta de Freud do *inconsciente* como um espaço não físico no qual se armazenam conteúdos também não físicos, aspecto que pode delinear, moldar, mas não determinar a constituição subjetiva. A liberdade do ser humano faz com que ele escolha, decida, viva e assuma as consequências. Isso ninguém pode tirar, pois é subjacente a ele. O homem é aberto para o mundo e não somente adaptável a ele. É a manifestação especificamente humana de sua dimensão espiritual que não pode ser negada, pois o homem autodetermina aquilo que quer ser.

Seria demasiado equívoco olhar apenas uma parte da estrutura humana e cientificá-la como principal, desconhecendo as outras que se mostrarem menos

desenvoltas em alguns. mas onde estão os fenômenos humanos destacados em teorias mais otimistas no que concerne à antropologia? Será que elas deixaram de existir no nascer da modernidade? Claro que não. Apenas não são "tão" divulgadas ou não são divulgadas de jeito nenhum. Existe outro cenário teórico otimista ou realista esperançoso trazido por Frankl mostrando ao homem de hoje que ele é mais do que aparenta ser, ou que disseram de forma reduzida que ele era, através de pensamentos que o elevem verdadeiramente.

Em suma, é a integração do ser humano que precisamos buscar. A concepção do homem como um ser somático, psico e espiritual o fará sentir-se mais completo. A solução não é buscar a felicidade em si, mas o motivo para ser feliz, pois ela é espontânea (Cf. PEREIRA, 2013). Trata-se da relação com algo objetável, como se o objeto da felicidade fosse a razão para ser feliz e como o sujeito não realiza a ação sem seu objeto, conclui-se que ninguém é feliz sem um motivo, sem uma força impulsionadora. O olhar que transcender qualquer dor mais profunda, que seja, qualquer "turbulência" na vida, conseguirá enxergar grandes possibilidades de preencher a vida de sentido. "É por isso que o comportamento humano não pode ser plenamente entendido através de hipóteses que afirmam que o homem busca prazer e felicidade independentemente da razão que houver para experimentá-las" (FRANKL in PEREIRA, 2013, p. 93). É preciso detectar o que é essencial, o que é valoroso e o que constrói.

Referências

AQUINO, Thiago Antônio Avellar de. **Logoterapia e Análise Existencial**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.

AQUINO, Thiago Avellar de; DAMÁSIO, Bruno F.; SILVA, Joilson P. da. **Logoterapia e Educação**: fundamentos e prática. São Paulo: Paulus, 2010.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco.** Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornhaime. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

CLONINGER, Susan C. **Teorias da personalidade.** Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schiupp e Carlos C. Aveline; revisão técnica

de Helga H. Reinhold. 2ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

FRANKL, Viktor E. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. Tradução de Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor E. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. Tradução de Victor Hugo Silveira Lapenta. 11ª ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics e Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições da psicanálise. A história do movimento psicanalítico. O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização. Esboço da psicanálise.** Seleção de textos de Jaime Salomão; tradução de Durval Marcondes. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id. Uma neurose demoníaca do sec. XVII e outros trabalhos.** Obras psicológicas completas de Sigmund Freud com comentários e notas de James Strachey: em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros textos.** Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: com comentários e notas de James Strachey: em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos.** Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: com comentários e notas de James Strachey: em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARZIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LESLIE, Robert C. **Jesus e a Logoterapia**: o mistério de Jesus interpretado à luz da logoterapia de Viktor Frankl. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2013.

MOREIRA, Neir; HOLANDA, Adriano. Logoterapia e sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, n. 3, p. 345-356, set./dez. 2010.

PEREIRA, Ivo Studart. **A Ética do Sentida da Vida**: fundamentos filosóficos da logoterapia. Aparecida: Ideias & Letras, 2013.

PETER, Ricardo. **A antropologia como terapia.** Tradução de Thereza Cristina Stummer. São Paulo: Paulus, 1999.

XAUSA, Aparecida de Moraes. **A Psicologia do sentido da Vida**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

Artigo recebido em: 31/03/2021.
Artigo aprovado em: 17/06/2021.